



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**JONNAS AZEVEDO DA SILVA**

**POLÍTICAS DE INIMIZADE E AMIZADE NAS POSIÇÕES DE MUNDO DE LENZ  
BUCHMANN EM *APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA*, DE GONÇALO M.  
TAVARES**

**PATU - RN**  
**2021**

JONNAS AZEVEDO DA SILVA

POLÍTICAS DE INIMIZADE E AMIZADE NAS POSIÇÕES DE MUNDO DE LENZ  
BUCHMANN EM *APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA*, DE GONÇALO M.  
TAVARES

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Annie Tarsis  
Morais Figueiredo

© Todos os direitos estão reservados na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Property Intellectual, respectivamente, Patentes: Lei n ° 9.279 / 1996 e Direitos reivindicados: Lei n ° 9.610 / 1998. A mesma serviria de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e identificados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586p Silva, Jonnas Azevedo da  
Políticas de inimizade e amizade nas posições de mundo de Lenz Buchmann em Aprender a Rezar na Era da Técnica, de Gonçalo M. Tavares. / Jonnas Azevedo da Silva. - Patu, 2021.  
41p.

Orientador (a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.  
Monografia (Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Política da inimizade. 2. Política da amizade. 3. Antifascismo. 4. Literatura contemporânea portuguesa. 5. Gonçalo M. Tavares. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

## AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão ao Senhor Jesus, porquanto “reconheço que para Ele nada é impossível e nenhum de seus planos pode ser impedido” (Jó 42:2), pois ao longo desses quatro anos de vivências na UERN aprendi que somente o Senhor faz além do que esperamos, e Ele é fiel para cumprir o prometido (1 João 2:25).

Ao chegar no final do curso de Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, percebo pessoas especiais que cuidaram e ajudaram em todos os momentos, destaco a seguir alguns desses familiares e amigos/irmãos que moram em meu coração:

Agradeço a minha mãe Erica pelos lanchinhos e abraços nessa jornada, a qual sempre para e escuta minhas ideias mirabolantes sobre os romances de Agatha Christie. Ao meu pai Josenildo, que sempre me ensina a questionar as coisas e a ver o mundo com um novo olhar. Não posso esquecer de Evericia, minha querida irmã a quem brinco todos os dias, demonstrando-me a importância de um sorriso. Amo vocês.

A minha avó Raimunda (*in memoriam*) a quem eu chamava vovó Nega, ela sempre dizia “Estude meu filho, aprenda a ler”, infelizmente não vou ter a senhora nesse momento, mas sempre lembro dessa frase que valoriza e demonstra a importância da produção de conhecimento.

A minha avó Fátima pelos aprendizados e risadas compartilhadas nos momentos de estudo em sua casa, esse carinho foi fundamental no momento de voltar para mais uma aula *online*.

Meu avô Chico, o qual sempre tem uma nova história para contar, e apenas cobra de mim um sorriso para recontar mais uma anedota...

Meu bisavô Zé que sempre pergunta se a faculdade não entra de férias, e depois anima-me a continuar estudando, pois segundo ele “é melhor trabalhar no lápis”.

Aos meus tios e às tias que são muitos, os quais entre as conversas mais simples demonstram o quão é bom estar perto de quem amamos.

Aos irmãos e às irmãs que fazem a AD no Sítio Fortuna, pelas orações contínuas em meu favor durante a escrita desse trabalho.

As escolas e os professores que me formaram até aqui, com destaque a Prof<sup>a</sup> Suelania, minha professora do fundamental que não desistiu de ensinar-me o uso

correto da consoante “M antes do P e B”, e a minha querida Profª Ana Maria, a qual apresentou-me a literatura brasileira nos primeiros anos do ensino médio. Meu muito obrigado.

As professoras do *Campus* de Patu, a Profª Lailsa Ribeiro que fez uma aula inesquecível sobre *A poética* de Aristóteles, conquistando naquele dia minha atenção para a literatura. Agradeço também as professoras Aline Inhoti, Beatriz Ferreira, Bianca Fonseca, Joseane Abílio, Karol Oliveira, Leidiana Alves, Luciana Nery e Sueli Temoteo, as quais demonstraram carinho e afeto durante essa caminhada. Obrigado pelas partilhas.

Agradeço em especial a Profª Annie Figueiredo, minha orientadora/amiga, a quem sou grato por todos os ensinamentos, ela que sempre apresentou Fernando Pessoa de uma forma única, demonstrando os detalhes de cada heterônimo, cultivando em nossos corações o gosto pela pesquisa em literatura portuguesa. Gratidão por todas as risadas nos encontros do PIBIC e pelas trocas de conhecimento.

Aos colegas de todas as manhãs do CAP/UERN, que entre as reclamações no jogo de Uno, sorriam ao saber que um amigo tinha recebido quatorze cartas a mais. Aos amigos Thássio e Felipe pelas trocas de conhecimento, e auxílio bem presente nos momentos que me faltava letramento digital, levarei cada momento comigo.

Aos *Power Rangers*, as reuniões na biblioteca vão deixar saudades, jamais esquecerei da nossa formação: Eliane, Felipe, Ingrid, Junior, Rosie e Thanara. Os nossos dias na UERN foram especiais, os seminários, artigos e demais trabalhos não poderiam ser realizados sem vocês, os quais sempre fazíamos no final porque os primeiros encontros era para rir e comer. Sinto um imenso carinho por cada um.

Agradeço a banca examinadora, as professoras Lailsa Ribeiro e Vanessa Bastos, por terem aceitado o nosso convite, juntamente pelas leituras e contribuições feitas ao longo desse estudo. Levarei cada ensinamento para minha vida acadêmica.

## RESUMO

Este estudo objetivou analisar a transformação do personagem Lenz Buchmann em suas perspectivas de mundo e vida no romance *Aprender a rezar na era da técnica* (2008), de Gonçalo M. Tavares. Notamos uma mudança na visão política do protagonista após a descoberta de um câncer. Nessa direção, investigamos a narrativa através de uma pesquisa qualitativa exploratória, a qual escolhemos excertos com base nas mudanças dos posicionamentos ideológicos do personagem. Auxiliou-nos Giorgio Agamben (2004;2007), Michel Foucault (1999) e Roberto Esposito *apud* Marcos Nalli (2013), para pensarmos acerca do poder soberano e seu atravessamento nas práticas da biopolítica, em seguida utilizamos Ulrich Brande e Markus Wissen (2021), para discutirmos sobre o modo de vida imperial, o qual está interligado ao jeito Buchmann de viver; conseqüentemente Achille Mbembe (2017) e Francisco Ortega (2020), no que diz respeito as políticas da inimizade e amizade, respectivamente. Percebemos que o adoecimento de Lenz marca o início de sua transformação, pois devido a fraqueza física promovida pelo câncer, o personagem passa a conviver com Julia Liegnitz, não a considerando mais como uma inimiga, mas sim uma auxiliadora nos momentos de dores. Assim, Lenz aprende a conviver com a diferença. Nesse tempo ele compreende sua pequenez enquanto indivíduo, desenvolvendo, através dessa relação, uma política da amizade que lhe permite renunciar seus antigos ideais de inimizade, de modo que ele ressignifica sua percepção sobre o mundo e sobre a vida, tendo em vista que o avançar do câncer inicia uma cura paradoxal da mentalidade nazifascista do personagem.

**Palavras-chave:** Política da inimizade; política da amizade; antifascismo; literatura contemporânea portuguesa; Gonçalo M. Tavares.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the transformation of the character Lenz Buchmann in his world perspectives and life in the novel *Aprender a rezar na era da técnica* (2008), by Gonçalo M. Tavares. We noticed a change in the protagonist's political vision after the discovery of cancer. In this direction, we investigate the narrative through an exploratory qualitative research, which we choose excerpts based on the character's changing ideological stances. Assisted us Giorgio Agamben (2004;2007), Michel Foucault (1999) and Roberto Esposito *apud* Marcos Nalli (2013), to think about sovereign power and its crossing in the practices of biopolitics, then we use Ulrich Brande and Markus Wissen (2021), to discuss the imperial way of life, which is intertwined with the Buchmann way of living; consequently Achille Mbembe (2017) and Francisco Ortega (2020), with regard to the politics of enmity and friendship, respectively. We realized that the illness of Lenz marks the beginning of his transformation, because due to the physical weakness promoted by cancer, the character starts to live with Julia Liegniiz, no longer considering her as an enemy, but as a helper in times of pain. Thus, Lenz learns to live with the other, the difference. At that time he understands his smallness as an individual, developing, through this relationship, a policy of friendship that allows him to renounce his old ideals of enmity, so that he reframes his perception of the world and life, considering that the advance of cancer initiates a paradoxical cure for the Nazi-fascist mentality of the character.

**Keywords:** Politics of enmity. Friendship Politics. Anti-fascism. Portuguese contemporary literature. Gonçalo M. Tavares.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

Utilizaremos as seguintes abreviaturas para evitar repetições do título do romance e do nome do escritor:

ARNET – Aprender a rezar na era da técnica

GMT – Gonçalo Manuel Tavares



## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS ALICERCES DA FAMÍLIA BUCHMANN.....</b>	<b>14</b>
2.1 Como Lenz se tornou um verdadeiro Buchmann.....	14
2.2 Os posicionamentos de Lenz no mundo em busca de poder .....	19
<b>3 A TRAVESSIA DE LENZ: FORÇA, DOENÇA E MORTE .....</b>	<b>25</b>
3.1 A política da inimizade entre as famílias Buchmann e Liegnitz.....	25
3.2 A política da amizade que advém da morte: a transformação de Lenz .....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Aprender a rezar na era da técnica* (2008), do escritor Gonçalo M. Tavares, é uma narrativa que não apresenta sua localização geográfica exata, o país ou a época em que se passa a trama é desconhecida, apenas encontramos alguns indícios de que acontece na Europa, em um falso período de paz marcado pelas memórias vivas dos tempos de guerra. O enredo inicia-se com o projeto familiar de Frederich Buchmann, um militar aposentado que transforma a sua casa em uma espécie de “Estado Imperial”, o qual lhe dava o direito de inserir a sua esposa e seus dois filhos Albert e Lenz em uma tradição conservadora, eurocêntrica, organizada em ideais de superioridade da família Buchmann sobre as demais pessoas.

Este romance gira em torno das vivências do filho mais novo, Lenz Buchmann, contendo as suas posições de mundo na obra, divididas em três partes intituladas respectivamente: “Força”, “Doença” e “Morte”. Em cada uma dessas divisões temos uma sequência de títulos e subtítulos envolvendo pequenos episódios da vida do protagonista. Tais episódios estão fragmentados e não seguem uma ordem cronológica dos fatos, mas sim uma distribuição dos acontecimentos que marcaram e formaram as posições de mundo do personagem. A primeira parte denominada “Força” é a que contém o maior aglomerado de experiências do protagonista, tendo relatos da infância e juventude na companhia do pai, Frederich. Nessa fase temos duas posições de mundo de Lenz, ele como médico e enquanto político, ambas no auge de seu estado físico, vivendo de forma ofensiva e combativa e, por muitas vezes, fazendo uso do autoritarismo para controlar as pessoas que estavam a sua volta.

Na segunda parte, “Doença”, ele é diagnosticado com um câncer no cérebro, que lhe tira aos poucos o seu vigor físico, ao mesmo tempo as suas funções sociais de médico e político, inserindo-o na condição de doente. Nessa nova disposição a cosmovisão do personagem é alterada, pois não está ligado ao desejo de dominar o outro, e essa mudança é perceptível a partir de sua relação com a secretária Julia Liegnitz, que antes era tida como uma inimiga a ser manipulada, mas que agora se torna a responsável pelos cuidados dele. Assim, chegamos a terceira parte do romance, “Morte”, na qual observamos as últimas circunstâncias da vida de Lenz em seu processo de autoconhecimento.

Diante disso, analisaremos a transformação do personagem Lenz Buchmann em suas perspectivas de mundo e vida no romance ARNET, haja vista que GMT, através de sua construção, elabora uma crítica às maneiras de conviver na contemporaneidade, em que o desejo de obter poder mascara a pequenez e fragilidade do indivíduo como, por exemplo, a política da inimizade vivenciada pelo protagonista no momento de enxergar nas pessoas possíveis inimigos. Identificaremos, então, as formas que Lenz via a vida e a sua alteração no processo de adoecimento, juntamente com sua abertura para uma política da amizade, a qual advém do encontro dele com a morte.

ARNET foi o último romance lançado da tetralogia “O Reino”, a qual é composta pelas respectivas obras: *Um Homem: Klaus Klump* (2003), *A Máquina de Joseph Walser* (2004) e *Jerusalém* (2005). Juntas, essas tramas formam uma série de livros nomeados “Livros Negros”, os quais elaboram um pensamento sobre as relações de poder e violência na sociedade contemporânea, tais escritos deram a GMT notoriedade no cenário literário mundial.

Ainda sobre o autor, GMT é um escritor português nascido em Luanda no ano de 1970, época em que Angola era colônia de Portugal. Filho de pais portugueses, ele retorna ainda criança para o solo lusitano, onde reside atualmente e exerce a função de escritor e professor universitário. A sua estreia na literatura foi em 2001, com os livros *A temperatura do corpo* e *o Livro da dança*, e desde então já publicou mais de vinte livros em diferentes gêneros literários e foi traduzido em mais de cinquenta países. Atualmente, ele possui uma das vozes mais expressivas do romance português, as suas narrativas chegaram a ganhar diversas premiações no exterior de modo que obteve o *Prix du Meilleur Livre Étranger* (2010), de melhor livro estrangeiro, publicado na França com a obra ARNET.

Nos últimos anos a escrita de GMT adquiriu destaque dentro das universidades brasileiras, no entanto os estudos desenvolvidos não foram capazes de acompanhar a vasta produção do autor português, como é o caso de ARNET que no momento tem poucas investigações científicas, as quais trazem consigo questões referentes ao totalitarismo, para apontarmos um tema semelhante ao estudado nessa pesquisa. Em razão de não encontramos análises relacionadas a nossa hipótese de leitura, este estudo se trata de mais uma contribuição sobre o personagem Lenz Buchmann.

Esta pesquisa surge de inquietações promovidas pelo Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), CAP/UERN, intitulado Literatura e Biopolítica na Prosa Contemporânea Portuguesa: Um Diálogo Possível. Em que lançamos mão da experiência humana/sensorial seja no modo de ver, viver e sentir o mundo para entendermos a crítica feita por GMT na narrativa ARNET através do protagonista em relação ao passado europeu, pois nota-se que existe uma construção definida pelo escritor para refletir as posições de Lenz frente as suas transições, com tal característica justificamos a nossa opção por uma pesquisa mais aprofundada e estabelecida a nível de conclusão de curso para a extensão de novas formas de saber.

Pensando em tais aspectos, realizamos um estudo de cunho qualitativo que identifica o percurso realizado pelo personagem ao longo de suas vivências. Para isso, fizemos uso da crítica temática apresentada por Daniel Bergz no livro *Métodos críticos para a análise literária* (2006), permitindo partir do topos/tema escolhido, para uma análise transversal da obra, a qual observamos a formação de Lenz enquanto médico, político e doente para chegarmos nas suas mudanças de perspectivas.

Dessa maneira, investigaremos o universo narrativo de ARNET fazendo escolhas de excertos com base em uma pesquisa exploratória interpretativa, a qual não tem o intuito de fechar/enclausurar a narrativa em um único sentido, mas sim abrir caminhos que visem discutir as transições do protagonista, pois como nos afirma Alfredo Bosi no livro *A interpretação da obra literária* (1988, p. 275): “Ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é eleger”. Assim, selecionaremos fragmentos que elucidem a nossa hipótese de leitura, explorando as peculiaridades que constituem as escolhas composicionais de GMT, não utilizaremos disto para forçar o texto literário a corresponder com nossas expectativas.

Desse modo, optamos por uma pesquisa de cunho bibliográfico, que não visasse uma revisão de teorias, mas sim um diálogo que promovesse reflexões sobre o tema estudado. Dessa forma, auxilia-nos Giorgio Agamben (2004; 2007) e Michel Foucault (1999), para pensarmos na nova configuração do poder soberano na modernidade, o qual está sustentado pelas práticas de controle da biopolítica. Temos também Roberto Esposito *apud* Nalli (2013), para apresentar uma releitura sobre a biopolítica partindo das categorias de “comunidade” e “sistema imunitário”, e

assim, destacarmos as posições médico e político no romance, as quais estão atravessadas pelo poder soberano e as formas de manipulação da biopolítica.

Destarte, utilizaremos Ulrich Brand e Markus Wissen (2021) com o conceito de modo de vida imperial, para pontuar os aprendizados recebidos por Lenz Buchmann ao longo de sua infância e adolescência pelo patriarca Frederich, consequentemente faremos menção a Achille Mbembe (2017), e suas contribuições em torno da política da inimizade, a qual auxiliará no momento de compreender a visão de mundo fascista do protagonista, pois a partir de um estilo de vida imperialista, Lenz cultiva em suas relações pessoais a ideia de que todos a sua volta são possíveis inimigos que merecem ser combatidos.

Ressaltamos Nadja Hermann (2013), e seus estudos voltados para a construção do outro através da convivência, em que perceberemos como os sujeitos podem mudar suas visões de mundo a partir da linguagem, que manifesta essa possibilidade de compreensão no momento de interagir com o outro. Diante disso, teremos Francisco Ortega (2020), com suas colaborações acerca da política da amizade, conceito este, que nos ajudará a investigar a transformação de perspectiva de Lenz, uma vez que ele passa a enxergar sua secretária Julia não mais como uma inimiga, mas sim como uma auxiliadora. Adiante, dialogamos com Byung-Chul Han (2020), para explicar como o processo da solidão da morte permite ao indivíduo um conhecimento de si, algo pertinente nos derradeiros dias de vida de Lenz, que passa a conhecer outra faceta da existência.

Este estudo está dividido em duas seções de caráter teórico-analítico, a primeira traz como título “Os alicerces da família Buchmann”, nessa parte encontraremos os fundamentos do projeto patriarcal de Frederich, juntamente com sua atitude pedagógica, assim dividimos também esta seção em duas subseções: [1.1] “Como Lenz se tornou um verdadeiro Buchmann”, a qual descreve a educação recebida pelo protagonista, tendo como destaque um aprendizado voltado para uma exploração sexual das mulheres, consequentemente discorreremos sobre a importância dessa relação na construção de Lenz. Em [1.2] “Os posicionamentos de Lenz no mundo em busca de poder”, investigaremos o personagem na fase adulta fazendo uso do poder soberano para dominar e manipular as pessoas à sua volta, em que observaremos as posições de mundo do protagonista enquanto médico e político.

A segunda seção chamada “A travessia de Lenz: força, doença e morte”, apresenta uma divisão de dois tópicos: [2.1] “A política da inimizade entre as famílias Buchmann e Liegnitz”, em que analisaremos um testemunho da participação de Frederich Buchmann na guerra e seu envolvimento na morte do soldado Liegnitz, o qual foi considerado pelo patriarca um suposto inimigo de sua família, diante desse relato, identificaremos a inserção da política da inimizade na vida de Lenz. Já em [2.1] “A política da amizade que advém da morte: a transformação de Lenz”, discorreremos sobre o diagnóstico do câncer terminal do protagonista, partindo de excertos que demonstram sua mudança de posição de mundo, para assim apontarmos como Lenz foi de uma vida marcada pelo autoritarismo a uma existência de vulnerabilidade, chegando a alterar sua perspectiva política sobre as outras pessoas.

## **2 OS ALICERCES DA FAMÍLIA BUCHMANN**

Em ARNET as vivências de Lenz estão ligadas a uma tradição familiar baseada na hierarquia do sobrenome Buchmann, sobrenome este de origem alemã, que traz consigo uma cultura eugenista de superioridade sanguínea e racial, a qual é repassada para o protagonista e seu irmão Albert a partir da figura do seu pai, Frederich Buchmann, um personagem de perfil autoritário, que deseja estimular em seus dois filhos a dominação do outro nas relações pessoais.

Diante disto, esta seção aborda as ideologias que alicerçam a família Buchmann, juntamente com a inserção desses ideais nas posições de mundo do protagonista. Pensando, assim, dividimos esta seção em duas subseções, a primeira chamada “Como Lenz se tornou um verdadeiro Buchmann”. A escolha deste título parte dos princípios de Frederich, pois ao longo do romance o patriarca utiliza essa frase para justificar suas práticas educacionais, impondo aos seus filhos a ideia de conquista e submissão do outro por meio do autoritarismo. Nisto, voltaremos nosso olhar para a infância e adolescência do personagem, observando assim a construção dele frente a uma didática militar e fascista, transformando-o em um autêntico Buchmann.

Na segunda subseção, denominada “Os posicionamentos de Lenz no mundo em busca de poder”, estudaremos a integração da tradição familiar nas experiências de Lenz, em que ele passa a sentir a necessidade de controlar o outro, almejando posições sociais que lhe apresentem um poder capaz de intervir na vida, a partir disto, analisaremos as formas de poder utilizadas por ele, enquanto médico e mais tarde como político, para manipular as pessoas.

### **2.1 Como Lenz se tornou um verdadeiro Buchmann**

O personagem Lenz Buchmann é um jovem que tem sua educação dirigida pelo patriarca, o responsável por ensinar ele e seu irmão Albert a maneira correta de viver para se transformar em um “verdadeiro Buchmann”. Em vista disso, Frederich tinha diversos métodos que objetivavam tornar seus filhos homens fortes capazes de inibir e ocultar seus sentimentos, como o descrito no subtítulo denominado “Como

Lenz cresceu e se tornou forte”, momento em que ele impõe a proibição de sentir medo e o castigo para tal ação está detalhada no seguinte excerto:

— Nesta casa o medo é ilegal — era uma das frases mais marcantes de Frederich Buchmann. Esta frase, diga-se ainda, foi determinante para Lenz — o seu pai sabia bem a importância de ser conseqüente. Frederich castigava as manifestações de medo de qualquer dos seus filhos fechando-os à chave num compartimento da casa, «a prisão», em que tapara as janelas, em que não havia uma única peça de mobília ou objecto. Poucas vezes (embora marcantes) Lenz foi colocado na «a prisão» por cometer a *ilegalidade* de mostrar medo. (TAVARES, 2008, p. 94, *grifos do autor*)

Acima temos uma amostra da prática pedagógica aplicada pelo militar aposentado Frederich Buchmann para inibir o medo dos filhos. Por meio de um espaço específico da casa, chamado “A prisão”, ele retirava a liberdade e o direito de voz, os inserindo em um local solitário que esmagava por completo a ideia de ludicidade, pois sem a possibilidade de gesticularem ou utilizarem qualquer instrumento que não fossem os seus próprios corpos. Albert e Lenz eram obrigados a pensar além de sua idade para entender o sistema punitivo imposto pelo pai, e compreender que o medo é uma ilegalidade naquela família. O narrador afirma que esse ensinamento foi determinante para Lenz, que frequentou poucas vezes “A prisão”.

Entende-se que Frederich punia os filhos a partir do poder patriarcal que lhe proporciona introduzir em sua casa em uma espécie de “Estado de exceção”. Ou seja, por meio de sua autoridade enquanto figura masculina, ele delegava sobre si o direito de regimentar normas e leis que visassem manter a segurança do tradicionalismo instaurado na família. Ao pensarmos na construção desse Estado nos lembramos de Giorgio Agamben que no livro *Estado de exceção* (2004, p. 12), apresenta como “uma terra de ninguém, entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida”. Em outras palavras, o estado criado pelo patriarca, a partir de sua família, é uma zona desprovida de leis exteriores, com base na suspensão dos direitos de liberdade de escolha, em que ele regulamenta a sua casa por meio da repressão física e psicológica.

Conseqüentemente temos a existência de um “poder soberano”<sup>1</sup> nas atitudes de Frederich, o narrador nos diz que ele tinha a autoridade de definir o que era ilegal

---

<sup>1</sup> A definição de “poder soberano” aqui utilizada se dá a partir do livro *A História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber* (1999), de Michel Foucault. O poder soberano vem a se constituir, na era medieval, como um privilégio de direito sobre a vida e morte, privilégio este que concebia aos reis e



e imoral naquela casa, tendo sob o seu comando a vida de seus filhos. Percebe-se que este poder encontrado nas ações do patriarca dialoga com a noção estudada por Michel Foucault no livro *A História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber* (1999), a qual ele explica que o soberano tem o direito de vida e de morte sobre os corpos dos sujeitos que estiverem inseridos no seu campo de controle. Nessa situação, a casa dos Buchmann resguarda o poder aqui destacado em ARNET estando transversalmente ligado ao patriarcalismo, colonialismo e as formas de manipulação da biopolítica.

Os aprendizados de Frederich Buchmann visavam retirar uma de suas grandes preocupações que era ver Albert e Lenz sentirem medo, a atitude pedagógica adotada tinha o objetivo de criar homens ofensivos que excluíssem de suas personalidades a compaixão, o medo, a fraqueza moral e física. Assim, ele pretendia que seus filhos seguissem a maneira correta de viver para ser um Buchmann, perpetuando um modo de vida imperial, conceito estudado por Ulrich Brand e Markus Wissen, no livro *Modo de vida imperial* (2021), que trazemos para aprofundar nosso olhar sobre a educação militar de Lenz, haja vista, que esse modo orienta o que seria uma vida boa e justa de ser experienciada pelos seres, os quais tem suas vontades e perspectivas influenciadas por um olhar individualista e competitivo sobre a vida, uma vez que Ulrich e Marhus nos diz que esse modo:

[...] envolve uma série de relações de poder e dominação, já que a “vida melhor” que oferece para determinadas pessoas em certos lugares exige a subversão das condições de vida de outras pessoas em outros lugares (inclusive próximos, mesmo que muitas vezes invisíveis). (BRAND; WISSEN, 2021, p. 110)

Seguindo essa direção, observa-se que para a manutenção da hierarquia dos Buchmann, fazia-se necessário a existência da dominação e conquista de outras pessoas, pois esse modo de vida descrito na citação acima está pautado na exclusividade e só pode se sustentar enquanto houver um “outro lugar” disponível

---

aos pais de família romana o direito de dispor da vida de súditos, filhos, mulheres e escravos, em outras palavras, o soberano tinha o direito de fazer morrer ou de deixar viver. Contudo, a partir do século XVIII o poder soberano muda sua configuração, e a sua maneira de ser legitimado, como nos apresenta Foucault, foi deixar o direito de “causar a morte ou deixar viver” (FOUCAULT, 1999, p. 146) para ser substituído por um poder de “causar a vida ou devolver à morte” (FOUCAULT, 1999, p. 149), o biopoder. Essa configuração adentrou na biopolítica e passou a ser legitimado a partir do biopoder que abrangerá dois polos ou duas técnicas específicas, em que o primeiro focará no corpo como máquina e adestramento e o segundo centrou-se no corpo-espécie, a biopolítica da população, estudando processos de controle de natalidade e mortalidade a nível da saúde.

para arcar com seus altos custos. É por este motivo que Frederich desenvolve ensinamentos firmados na opressão, formando, a partir de sua filosofia de vida, os alicerces tradicionalistas da família Buchmann, tendo como apoio uma ideologia eurocêntrica voltada para o cultivo do ataque, da inimizade nas relações pessoais.

No entanto, o narrador nos conta que as diferenças entre os irmãos Albert e Lenz eram notáveis nos momentos de obedecer às ordens do patriarca. Pois, Frederich chegava a se envergonhar diversas vezes de Albert que tinha uma tendência a ficar na defensiva, vindo a diferenciar seus filhos a partir de uma alegoria, em que ele dizia: “— Tenho um cão e um lobo.” (TAVARES, 2008, p. 111). Ao usar esta alegoria ressaltava as características dos irmãos, apontando que ambos pertenciam a uma tradição em comum, conforme os lobos e os cães que possuem uma descendência partilhada, contudo, suas personalidades tornavam-se distintas, o cão é Albert devido a docilização e amigabilidade com outras pessoas, e o lobo, Lenz, o filho mais novo que havia herdado os traços e as estratégias de ataque do pai.

Em ARNET esse era o grande diferencial entre os irmãos Buchmann, Lenz tinha as características de Frederich e seu irmão mais velho os traços da mãe, a qual não tem o nome mencionado na narrativa, devido ser considerada uma peça frágil da engrenagem da família, apontando assim a desvalorização da mulher dentro do sistema patriarcal dos Buchmann, pois ela é vista apenas de forma secundária, é por esse motivo que existe a comparação com Albert que sempre prezou pela defensiva e neutralidade nos momentos de realizar ações concretas.

A comparação feita pelo patriarca demonstrava que seu primogênito não detinha as características exigidas para manter o modo de vida imperialista da família Buchmann, e devido a impossibilidade deles se unirem, Frederich escolhe Lenz para ser o herdeiro substituto e dar continuidade ao seu estilo de vida. Assim, o protagonista seria o encarregado de levar o sobrenome Buchmann com toda a sua força e, para este fim, ele passa por um aprendizado que busca adicioná-lo em uma nova configuração de poder, segundo está narrado em um dos subtítulos do romance intitulado: “O adolescente Lenz conhece a crueldade”. O personagem é levado a força pelo pai ao quarto de uma das empregadas da casa para que venha a experimentar a sua primeira relação sexual, como lemos no seguinte fragmento:

O pai agarrou nele e levou-o ao quarto de uma empregada, a mais nova e a mais bonita da casa. — Agora vais fazê-la, aqui, à minha frente [...] — Despe as calças — foi a segunda frase do pai. [...] o pai não dirigiu uma única frase à criada — ela sabia o que havia a fazer e fez o que tinha de fazer, máquina que não tem alternativa ao contrário do adolescente Lenz que, apesar de tudo, poderia dizer ao pai: não quero. (TAVARES, 2008, p. 17-18)

O pai conduz Lenz de forma agressiva à sua primeira experiência sexual, seria o primeiro contato do personagem com um outro corpo que estivesse na situação de objeto. O patriarca, de maneira violenta, tanto psicológica como física, coloca seu filho em um novo quarto da casa, bem diferente da prisão que ele estava habituado, este agora dispunha de objetos a serem manipulados e conquistados, Frederich aqui apresenta a Lenz um processo de colonização íntimo, em que ele repassa a tradição da família Buchmann.

De forma coercitiva Lenz recebe ordens diretas do pai, diferentemente da criada que apenas assiste ao ato servindo em forma de objeto inanimado que não tem voz. As seguintes orientações foram direcionadas ao protagonista: “— Agora vais fazê-la, aqui, à minha frente”. O ato sexual é limitado apenas a um movimento mecânico, porquanto a criada tem seu corpo suprimido pelas indicações de Frederich, as quais norteiam Lenz a uma cultura falocêntrica, em que o corpo da mulher existe para satisfazer as necessidades do homem, assim a empregada doméstica anula as suas vontades para servir aos desígnios dos Buchmann, perdendo o direito sobre o seu corpo para Lenz, que precisa oprimir esse outro lugar para se firmar de modo superior na vida.

Ao escutar Frederich dizer: “— Despe as calças”. Lenz se indaga sobre aquela relação, pois o narrador nos conta que ao ouvir: “— Agora vais fazê-la”, ele imagina “Esta mulher não está feita, antes de tu a fazeres.” (TAVARES, 2008, p. 17). Esse pensamento reflete a situação que a trabalhadora doméstica se encontrava na casa, como uma matéria desforme que deveria ser moldada e feita pelas mãos de um homem forte, ela não existia até o momento que ele fizesse uso de seu corpo.

Dessa maneira, Frederich transforma a criada e seu filho em corpos dóceis que poderiam ser manuseados do jeito de máquinas que estão a realizar mais uma operação simples, como nos explica Foucault (1999, p. 163) no seu livro *Vigiar e punir*, em que ele apresenta a definição de corpo dócil “como um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Desse modo, o pai ditava o que era moral e imoral na casa dos Buchmann fazendo

o uso da dominação dos sujeitos para sustentar as suas ordens, moldando-os de acordo com suas percepções.

A cena que acabamos de ler anteriormente está imbuída de relações de poder, voltadas para o poder soberano que atravessa a biopolítica, a qual possibilita o pai, por meio desse poder, ter o comando sobre as ações de seu filho e da empregada, porém destacamos a fala do narrador a qual nos revela que Lenz: “apesar de tudo, poderia dizer ao pai: não quero”. Diante disto, percebe-se que o personagem acata as ordens do pai feito um empregado que está aprendendo um novo ofício de um trabalhador mais experiente.

A primeira relação sexual do protagonista é simbólica e representa Frederick transferindo uma tradição, este ato foi um exercício que visava converter Lenz em um personagem analítico, capaz de não somente dominar o corpo de uma empregada, mas também o controlar outras pessoas que viessem a entrar em seu território. Ele, portanto, cresce com um olhar voltado para uma prática colonialista em que ele deveria conquistar os indivíduos, que são tidos como massas que merecem ser ajustadas à sua vontade.

Nesse pensamento de dominar o outro temos um subtítulo chamado “A caça”, o qual apresenta detalhes da cosmovisão de Lenz frente as relações pessoais, o narrador nos esclarece que para o personagem a frase “primeiro o senhor”, dita por alguém em um café, na verdade é uma frase de guerra de modo que “Todas as frases de simpatia podiam ser vistas, segundo um outro olhar, como frases de ataque. Ao deixar passar o outro à frente, um homem não estava a aceitar ser o segundo, mas sim preparar do terreno para controlar visualmente.” (TAVARES, 2008, p. 21). Lenz observa as suas relações interpessoais como pequenas batalhas que lhe exigem uma posição agressiva, até nas mais simples conversações ele preparava um mapa de combate, para ter acesso visualmente privilegiado das pessoas, e assim conseguir restringir os corpos que adentrassem em seu território, exploraremos mais a cosmovisão do personagem no tópico “A política da inimizade entre as famílias Buchmann e Liegnitz”.

## **2.2 Os posicionamentos de Lenz no mundo em busca de poder**

No decorrer do romance, Lenz torna-se um clínico cirurgião renomado pela técnica em salvar pessoas, os seus procedimentos cirúrgicos são descritos como sessões de hipnose, em que os olhares das enfermeiras e dos médicos mais jovens são direcionados ao movimento de sua mão direita, que parece fazer um “artesanato orgânico” no corpo do paciente, tendo em conta, que “o médico na Era da Técnica é encarado como um habilidoso condutor de automóveis” (TAVARES, 2008, p. 29). Lenz enquanto neurologista está incluindo em uma nova Era, que exige dos indivíduos a busca da exclusão dos afetos e emoções que circundam a vida para atingir a perfeição no trabalho a ser executado de maneira instrumental.

Dessa maneira, Lenz fazia questão de diferenciar a sua competência técnica da bondade que os pacientes lhe atribuíam, para ele as operações eram apenas ajustes e regulamentações de máquinas que já não funcionavam corretamente, não existia nenhuma relação afetiva, pois ele estava apenas aplicando um saber técnico, isto é algo que nos faz lembrar o título da narrativa: *Aprender a rezar na era da técnica*. Encontramos uma nova forma de rezar na era tecnológica, rezar enquanto ação vista de maneira metafísica, uma vez que seria a capacidade de transcender para além do aspecto físico com o objetivo de abandonar os sentimentos da alma, para assim, experimentar da técnica e realizar os procedimentos cirúrgicos de modo calculado com a exclusão de possíveis erros.

Lenz é cirurgião devido a uma determinação política que a medicina lhe oferecia, era o direito de intervir no corpo do outro que o fascinava, o narrador nos diz que “Lenz não deixava de pensar, todas as vezes que operava alguém, que o mínimo desvio do seu bisturi, por acidente ou falha, poderia provocar a morte do organismo operado” (TAVARES, 2008, p. 34). Na mesa de cirurgia ele possuía a voz de comando determinando cada sim e cada não, de modo que o narrador expõe a probabilidade de ele ir contra os preceitos morais e assassinar um paciente como se estivesse desligando uma máquina que já não funciona adequadamente, esta possibilidade de mudar o rumo da operação e a vida do indivíduo demonstra que o personagem tinha o poder de deixar viver ou fazer morrer.

Seguindo essa perspectiva, o protagonista fazia analogias entre o funcionamento do corpo humano e a organização de uma sociedade, ele chega a dizer que seu bisturi é o responsável pela reinstalação de um reino que já havia sido destruído pela doença, que ao seu tempo exigia de suas ações uma ofensividade na

reorganização das células orgânicas, percebe-se isto no seguinte fragmento da parte “A mão que segura o bisturi”:

O bisturi dentro do organismo procurava reinstalar uma ordem que fora perdida [...] o bisturi anunciava um novo Reino: recompunha as estradas do organismo, endireitava o que de ruínas ainda havia a endireitar [...] A doença, por seu turno, era claramente uma anarquia celular, uma desordem, um desrespeito interno de normas. (TAVARES, 2008, p. 31)

Nessa alegoria o corpo do paciente é analisado como um mapa de uma cidade, em que a doença simboliza uma “anarquia” instalada por células que agora desobedecem a uma ordem pré-concebida na formação dos indivíduos, o adoecimento é apresentado por Lenz conforme uma violação das regras morais do sistema orgânico, e ele na posição de médico tinha o poder para reinstalar essa estrutura perdida, e para isso suceder, o personagem fazia uso de procedimentos evasivos que visavam reconstruir os caminhos corrompidos pela doença, recompondo por meio do bisturi a organização do corpo humano.

Dessa forma, o Dr. Lenz Buchmann ganhava destaque na área da medicina, contudo no decorrer dos anos o personagem entendia que o seu campo de controle estava limitado a poucos pacientes, era preciso expandi-lo para uma maior quantidade de pessoas, é nesse sentido que ele “entra no mundo da política no «mundo dos grandes acontecimentos e das grandes doenças», estava cansado de tratar com homens individuais.” (TAVARES, 2008, p. 92-93). O protagonista altera o seu posicionamento de mundo em busca de poder, ingressando no partido de maior relevância da cidade que mora, o qual mais tarde torna-se vice-presidente ao lado do presidente Hamm Kestner.

Na qualidade de político, Lenz não exclui de suas vivências os aprendizados e a técnica adquirida em seus anos como cirurgião, pelo contrário, o personagem procura explicar o funcionamento da sociedade a partir de um olhar biomédico, chegando a utilizar de um discurso biológico para reproduzir alegorias bélicas que justifiquem as intervenções políticas no município para a asseguuração da “cura”, assemelhando-se assim ao nazismo.

Com tal característica Lenz passa combater a “doença da cidade”, a qual é tida como uma anarquia que derruba reinos ao ponto de transformá-los em ruínas, para o protagonista esses reinados estavam apenas adormecidos entre os

escombros, pois o seu pai o havia ensinado que “*as ruínas são perigosas, debaixo delas algo ainda se mexe.*” (TAVARES, 2008, p. 180, *grifos do autor*). Em outras palavras, entre os destroços ainda existe o “ovo da serpente” que, ao chocar no oculto, reaparece na superfície sem que ninguém perceba, surpreendendo a todos, de tal maneira seria a ascensão política de Lenz Buchmann.

Nessa percepção Lenz constrói seu lema político: “algum pão e algum medo”, o qual em certa medida, se aproxima da política “Pão e Circo” do Império Romano, em que para manter a fidelidade e passividade dos cidadãos, os imperadores promoviam banquetes e divertimentos para o povo esquecer das perseguições e abusos sociais. Porém, Lenz não iria fazer uso do entretenimento para persuadir as pessoas, ele decide usar de um discurso do pânico para controlar e estabelecer o seu poder, observamos isso no seguinte trecho, em que o protagonista e o presidente Hamm Kestner planejam o atentado em um teatro da cidade:

Uma explosão perto de cada indivíduo, uma explosão para cada cidadão, disse Buchmann naquele momento, divertido, a Kestner. Os dois tinham encontrado uma nova direcção para a campanha, uma direcção secreta, claro: criar um perigo que eles próprios, depois vencessem. Sem a sensação de um perigo consistente não haveria heróis. (TAVARES, 2008, p. 240)

A explosão no teatro municipal da cidade tinha o objetivo de criar uma crise social e política, em que o caos da insegurança pública apontaria para todos os cidadãos a existência de um “inimigo comum”, ocasionando uma mobilização populacional contra o governo vigente e um apoio partidário a Lenz, que aparecerá em meio a essa desorganização como um herói em defesa dos direitos da população, tendo em suas mãos a solução para o “descontrole/doença” da cidade. O personagem ainda enfatiza que “sem a sensação de um perigo consistente não haverá heróis”, ou seja, sem um inimigo não existe uma posição de ataque ou medidas restritivas para contingenciar as eminentes tragédias.

O prosseguimento do plano de Lenz e Kestner acontece de forma diferente do planejado, pois o ato terrorista a princípio não pretendia ferir ou matar nenhum cidadão, porém no momento da explosão um homem foi morto, “um actor secundário, um nome desconhecido do público, que por azar passou naquele local na altura errada” (TAVARES, 2008, p. 242). O narrador de ARNET diz que muitas foram as homenagens a esse “ator secundário”, porém seu nome não é divulgado e

logo cai no esquecimento, e todos da cidade agora entendiam que aquela bomba poderia ter sido direcionada para qualquer pessoa menos para aquele homem, uma vez que o personagem era apenas uma pessoa comum sem destaque ou importância para a formação da sociedade, porquanto, as homenagens foram apenas atos de publicidade para o partido.

Diante disso, Lenz passa a consolidar seu cargo político utilizando do “falso inimigo” para “imunizar a cidade”, porque da mesma maneira que o sistema imunológico precisava sofrer ataques de uma cepa enfraquecida, a cidade necessitava de um “falso inimigo” para que existisse o fortalecimento desse sistema, e fosse possível desenvolver futuras defesas contra possíveis ataques mais vigorosos, formando assim um sistema imunitário que atrelado a práticas da biopolítica tinha como objetivo proteger os cidadãos, como nos explica Roberto Esposito *apud* Marcos Nalli no texto *Communitas/Immunitas: a releitura de Roberto Esposito da biopolítica* (2013):

O que o sistema imunitário faz é proteger a comunidade dos riscos e perigos de sua dissolução e do comprometimento da integridade vital de seus membros, que podem ser externos à comunidade, mas que podem também ser gestados pela natureza. (ESPOSITO *apud* NALLI, 2013, p. 87)

A partir da visão voltada para medicalização, Lenz Buchmann passa a intervir nas decisões do partido de forma autoritária e eugenista, tendo como justificativa a proteção da vida, algo ilusório quando descobrimos que a ideia de comunidade reivindicada por ele parte do individualismo, porquanto na narrativa o personagem não deseja experimentar uma dor ou um medo comum, nem repartir seus privilégios com mais alguém, pelo contrário Lenz queria extinguir de sua vida possíveis riscos para sua posição social, em outras palavras, ele ia se imunizando do diferente, cortando laços com pacientes ou colegas de trabalho, chegando a sentir o desejo de matar pessoas que não lhe obedecessem. Dessa forma, Lenz Buchmann passa a se posicionar em seu mundo enquanto futuro vice-presidente, criando um discurso de pânico, em que o medo da morte seria o início para a imunização da cidade segundo a sua vontade.

Ao longo dessa seção focamos em cenas que apresentassem o paralelo entre a vida pública e privada, entre a intimidade e o trabalho do personagem, em que destacamos o entrelaçamento da educação patriarcal de Frederich Buchmann nas



posições de mundo de Lenz, haja vista que o protagonista desenvolve uma personalidade autoritária e nazifascista, que enxerga as interações sociais a partir da noção de hierarquização e ataque, em que se deve respeitar a estrutura de poder dos Buchmann e conquistar as outras pessoas consideradas fracas.

### **3 A TRAVESSIA DE LENZ: FORÇA, DOENÇA E MORTE**

Dando continuidade aos estudos sobre o personagem Lenz Buchmann, analisaremos a última posição de mundo do protagonista durante a sua doença, e a mudança de perspectiva política em relação ao outro. Nessa direção, dividimos esta seção em dois tópicos, o primeiro denominado “A política da inimizade entre a família Buchmann e Liegnitz”, em que entenderemos a forma como o protagonista enxergava as suas relações pessoais com base em uma política da inimizade, a qual foi cultivada a partir de um registro breve da participação de Frederich Buchmann na guerra e o seu envolvimento no assassinato do soldado Liegntz.

Este acontecimento influencia a vida de Lenz, principalmente depois do encontro com a sua nova secretária de partido, Julia Liegnitz, filha mais velha do soldado morto pelo seu pai, a qual vai ser vista como uma inimiga que merece ser confrontada e manipulada. Depois de identificarmos essa relação, teremos a subseção “A política da amizade que advém da morte: a transformação de Lenz”, com a descoberta do câncer cerebral do ainda poderoso Lenz Buchmann que entra em processo de decadência vindo a necessitar da ajuda de Julia que passará a conviver com ele, levando-o a desenvolver um novo olhar sobre o outro. Portanto, o protagonista passa ter uma abertura maior gerando uma política da amizade, avesso da que ele aprendeu com seu pai. Aqui observaremos um processo de autoconhecimento dele sobre a vida.

#### **3.1 A política da inimizade entre as famílias Buchmann e Liegnitz**

Desde a infância Lenz buscou seguir os passos do pai. Para o personagem a vida do patriarca representava um legado a ser continuado por ele. Acreditava ser o filho mais novo que havia herdado as estratégias militares do comandante aposentado Frederich Buchmann, que em tempos passados havia testemunhado, um pequeno episódio de sua participação na guerra, a qual está descrita no subtítulo do romance “Uma confissão que terá inúmeras consequências”. Nessa parte o patriarca explica como matou um de seus subordinados de batalhão depois do ato de desobediência, esse evento é apresentado no fragmento a seguir:

— Com meu próprio punho reduzi os efectivos do meu regimento — na sua própria expressão. E porquê? Simplesmente por isto: o olhar dele — disse o pai Frederich. [...] — o olhar dele quando de mim recebeu uma ordem — Insistiu o pai [...] se ele tivesse tido oportunidade tinha feito o mesmo [...] — Como é que ele se chamava, pai? [...] — Há nomes que não interessa manter na cabeça — respondeu Frederich. — Diga-me como é que ele se chamava. — Não me recordo do nome próprio; o apelido era Liegnitz. (TAVARES, 2008, p. 118-119)

Percebe-se acima que o narrador onisciente exhibe um acontecimento que estabeleceu a superioridade de Frederich Buchmann na guerra, depois de um olhar de insubmissão do soldado Liegnitz, o patriarca decide assassiná-lo, visto que a desobediência nessa situação marca o início de um conflito individual entre ele e soldado. Tratava-se de quem teria a voz de comando e a força suficiente para sobreviver, por isso Frederich age de forma mais rápida e elimina seu suposto inimigo, pois ele afirma que se “o soldado tivesse tido oportunidade tinha feito o mesmo”, justificando seu ato através de um possível perigo demonstrando aqui uma visão extrema sobre o outro que sempre será visto como um inimigo.

Sobre o ato de matar, Frederich expõe a ideia da “seleção natural”, em que apenas as pessoas mais aptas são capazes de se sustentarem em meio a guerra e repassarem as suas características para os descendentes, como ele que manteve a hegemonia dos Buchmann e transmitiu para os filhos as ideias corretas da vida. Esse sentimento de superioridade do patriarca de certa maneira se assemelha a ideia de sobrevivência elaborada por Achille Mbembe no livro *Políticas da inimizade* (2017), uma vez que:

O sobrevivente é aquele que, tendo estado à beira da morte, sabendo de outras mortes, e erguido entre os caídos, ainda está vivo. Ou, de maneira mais clara, o sobrevivente é aquele que granjeou um bom punhado de inimigos e conseguiu não só escapar com vida, mas também eliminar os seus atacantes. Esta é a razão pela qual, até certo ponto, matar é a maneira mais econômica de sobreviver. (MBEMBE, 2017, p. 145)

Diante da conceituação de Achille Mbembe (2017) acima, entendemos o motivo de Frederich valorizar a ideia de ataque e defesa, pois no diálogo anterior ele desejava mostrar a Lenz a falsa concepção de democracia/comunidade criada nos tempos atuais, em que homens de famílias distintas juntam-se para combater um inimigo comum, sendo que na verdade cada um tem seu posicionamento de mundo individualista, e está apenas a esperar a melhor ocasião para atacar seus aliados. Ou seja, o patriarca explica que as alianças criadas entre as pessoas nada valiam

para assegurar a vida, pelo contrário, eram as práticas individuais que marcavam a sobrevivência, como a feita por ele ao disparar contra seu companheiro para manter o sobrenome Buchmann.

Desse modo, Frederich doutrina Lenz com base na política da inimizade que vê as relações pessoais em forma de pequenas batalhas, tendo em conta que na lógica da sobrevivência “cada pessoa é inimiga de outra qualquer” (MBEMBE, 2017, p. 146). Isso fundamenta a vontade de atacar para se sentir único e poderoso no momento da morte do outro, pois o assassino sente-se privilegiado e confiante de ter um poder capaz de determinar a vida. Portanto, o patriarca semeia o sentimento da inimizade, devido a isso o protagonista por vezes ocultou em suas vivências o sentimento de coletividade e fraternidade, excluindo de seu pensamento a possibilidade de ter alguém ao seu lado para viver as trocas recíprocas.

O sobrenome Liegnitz sempre causou curiosidade em Lenz, para ele aquele sobrenome marcava a superioridade da família Buchmann, foi nesse raciocínio que o personagem ficou desorientado depois de escutar o presidente do partido lhe apresentar a sua nova secretária, Julia Liegnitz, esse foi o nome pronunciado por Hamm Kestner. O narrador diz que aquele nome soou como uma pequena explosão na cabeça de Lenz, fazendo-o recordar a história contada pelo pai, investigada por ele mais tarde e confirmada: Julia era a filha mais velha do soldado assassinado no regimento dirigido pelo oficial Frederich Buchmann e seu irmão mais novo chamava-se Gustav Liegnitz, em homenagem ao pai.

Nesse momento da narrativa Lenz compreendia que a história entre as duas famílias ainda não finalizara, a batalha iniciada por Frederich e Gustav teria uma sequência entre seus filhos, pois o último tiro não tinha acontecido naquele conflito. Conseqüentemente, o protagonista passa a ver Julia como uma inimiga que deveria ser confrontada, para isso passa a manipulá-la, bem como o irmão dela, usando de sua posição social privilegiada para sustentar a vida dos dois Liegnitz, conforme o narrador em terceira pessoa explica posteriormente:

No fundo, tratava-se do mesmo acto, mascarado de outra forma: proteger aquela mulher e toda a família Liegnitz — em especial o irmão, Gustav Liegnitz — era interferir, da maneira que só a hierarquia superior pode interferir, na existência daqueles indivíduos — tal como fizera o seu pai. No fundo, Lenz Buchmann colocava-se num plano tal, em relação àquelas existências, que matar ou proteger se tornavam acções semelhantes. (TAVARES, 2008, p. 171)

Para Lenz, ele havia herdado uma missão inacabada do pai, não era uma herança física, mas sim psicológica, a qual tinha interligado as famílias Buchmann e Liegnitz. Tratava-se de continuar o trabalho do patriarca de uma forma diferente, mantendo os inimigos de seu pai por perto, pois para o personagem o matar ou proteger estavam na mesma esfera de poder, haja vista que apenas o soberano tem a capacidade de escolher quem merece viver, e, como já dito anteriormente, o poder soberano na contemporaneidade não se limita apenas ao matar, pelo contrário é o poder de causar a morte ou deixar viver, o protagonista intervém na vida de Julia e Gustav de “uma maneira que só a hierarquia superior pode”.

Seguindo esse direcionamento, Lenz protege a vida dos irmãos Liegnitz de modo a ignorar um roubo comprovado feito por Julia aos cofres do partido, com esse ato de cumplicidade ele consegue a fidelidade dela que em alguns meses desenvolve uma sincronia perfeita com seu estilo político. Depois dessa ocorrência o personagem decide ensinar a Julia “os mecanismos da existência”, pois ele entendia que ela ainda trazia traços de ingenuidade, para isso ser arrancado, Lenz ordena que ela escreva uma “carta de resposta, essa que, do início ao fim mentia” (TAVARES, 2008, p. 167). O personagem de forma direta molda Julia ao ponto de ela negar a sua singularidade de pessoa que não mente de propósito, passando a seguir a doutrina de Lenz.

O vínculo entre Lenz e Julia “consolidou-se quase mecanicamente — estava ali uma estrutura de aço com uma forma inabalável na qual outra pequena peça, ainda moldável, agora encaixava” (TAVARES, 2008, p. 134). Lenz transformava Julia em uma peça de sua engrenagem em virtude dela estar atendendo as suas necessidades, pois como observamos na narração, o personagem é representado de forma inabalável, em que o outro está para servi-lo, nesse caso Julia tinha sua vida fragilizada para encaixar-se no mundo de Lenz, o qual estava a fazê-la como descrito no próximo excerto:

Lenz Buchmann sentia a cada dia que passava uma ligação mais forte com a menina Julia Liegnitz. Estava de certa maneira, a *fazê-la*, como em tempos fizera a criada que servia na casa dos pais. Uma violação não sexual, mas contínua, aquela que não agarra para depois largar; agarra e jamais larga; primeiro destrói, amassa, torna informe, colocando todos os valores antigos ao mesmo nível, e depois, sim, começa a dar uma outra forma, conduz e infiltra uma outra força. Aquela mulher abandonava, dia após dia, por completo a ingenuidade. (TAVARES, 2008, p. 174, *grifos do autor*)

Na cena acima, Lenz apresenta a influência da educação patriarcal em sua vida, assim como ele antigamente tinha “feito” a criada a partir dos estímulos do pai, ele agora também faz a sua secretária. Nota-se que o fazer de Julia não se dá por meio de uma relação sexual, mas antes pela exclusão das ideais ingênuas que ela possuía. Cada vez que a personagem incorporava em sua vida um aspecto ensinado por Lenz mais ela tornava-se um objeto em suas mãos.

Dessa maneira, Lenz usa o modo de vida imperial para influenciar as vontades e percepções de Julia, a qual é vista como uma matéria desforme que deve ser adaptada para se articular a ele. Percebe-se que ela não recusa as ordens dele, antes abandona a sua forma de enxergar a vida para seguir os passos do personagem, aos poucos ela se converte em uma nova mulher na narrativa e perde sua ingenuidade, algo que o protagonista se orgulhou de presenciar, em razão dele a ter educado e transformado.

O domínio dos Buchmann sobre os Liegnitz aumentava com as movimentações de Lenz sobre a vida de Julia. Mas para ele ainda faltava o grande conflito com Gustav, o filho mais novo do soldado Liegnitz, que trazia no nome uma homenagem ao pai, motivo esse que fez o personagem pensar muitas vezes como seria o encontro entre eles, pois os sobrenomes das famílias vinham conectando-se ao longo dos anos e esse poderia ser o combate final. Nesse direcionamento, Lenz ordena que Julia traga seu irmão, a princípio ela reluta, tentando explicar que ele era diferente, mas o protagonista pede que não lhe conte nada, esse encontro é relatado no trecho:

Quando Lenz Buchmann se levantou para cumprimentar o irmão de sua secretária [...] teve uma reação de uma indelicadeza extrema que felizmente não terá sido percebida em toda a sua extensão: espontaneamente Buchmann deu uma gargalhada. Gustav Liegnitz era surdo-mudo, expelia uns *mms* informes e, explicou Julia, apenas escutava uns sons abafados. (Gustav Liegnitz nem era capaz de proferir o nome Buchmann). Aquele, pensou, nunca poderia ser seu adversário. (TAVARES, 2008, p. 186, *grifos do autor*)

Antes de conhecer Gustav, Lenz o considerou um adversário digno de sua atenção no mapa do combate, chegou a pensar que ele tinha herdado o direito de vingança, mas suas expectativas foram frustradas ao saber que Gustav era surdo. Para o protagonista essa deficiência impossibilitava uma posição de combate digna, haja vista que o irmão de Julia não conseguia pronunciar o sobrenome Buchmann. Lenz considera o filho do soldado Liegnitz como sujeito fraco que nem poderia ser

confrontado, mas apenas “protegido”, motivo esse que fez o personagem rir em tom de desprezo. Nesse pensamento, Lenz manipula Gustav, inserindo-o em um novo emprego, passando a explorar o mal caráter do irmão mais novo de Julia, contudo o protagonista não fica interessado em “fazê-lo”, seu foco ainda é a sua secretária.

### **3.2 A política da amizade que advém da morte: a transformação de Lenz**

Nos últimos subtítulos, da primeira parte intitulada “Força”, Lenz Buchmann passa a sentir pequenos incômodos na cabeça, em um desses episódios o narrador nos relata que: “a posição de Lenz Buchmann no mundo seria perfeita, não fossem as dores de cabeça tremendas que agora, insistentemente, o atacavam [...] apesar desse aviso, Lenz Buchmann continuava ainda entretido com o mecanismo das suas armas” (TAVARES, 2008, p. 228-229). De modo discreto o narrador vai tecendo pequenos indícios sobre a doença do personagem, que negligencia o corpo, algo que trará uma consequência futura, pois devido as muitas atividades políticas e a busca pelo poder, ele ignora as dores de um ataque ainda desconhecido.

O desejo para ser o homem mais poderoso da cidade anesthesiava as fortes dores que o protagonista sentia, no dia do resultado das eleições, Lenz se segura para não ser dominado pelas pontadas de dor, e ao chegar a notícia de sua vitória e de Hamm Kestner no pleito eleitoral, o personagem comemora tentando suportar o peso das dores que aumentava gradativamente, as quais pioram depois de sua chegada em casa, fazendo com que ele perca a consciência, até o momento de acordar entre os aparelhos do hospital. Dessa maneira, temos o início da segunda parte da narrativa denominada “Doença”, em que o primeiro episódio traz Lenz Buchmann acordando depois de uma cirurgia, contado assim:

Lenz Buchmann acorda, meio estremunhado, na cama do hospital, várias horas depois da operação à cabeça. Não percebe de imediato onde está nem o que lhe aconteceu [...] desvia então ligeiramente o pescoço, ainda com dificuldades devido às dores, e vê uma mulher, a sua secretária Julia Liegnitz, que, sentada à cabeceira da cama, lhe segura com as duas mãos a sua mão direita, a sua poderosa mão direita que de repente lhe parece morta [...] Lenz Buchmann tinha um tumor na cabeça, já muito desenvolvido [...] a doença já alastrara; há muito que andava por ali. (TAVARES, 2008, p. 253-254)

A forma como o narrador faz a descrição do despertar de Lenz entre as máquinas do hospital demonstra a fragilidade do personagem no momento de reconhecer sua nova posição de mundo, ele fica a se indagar como a sua poderosa mão, que representava anteriormente o poder pela técnica, estava repousada entre as mãos de Julia. A sua inimiga agora estava no controle de “sua poderosa mão direita que de repente lhe parece morta”. O personagem entende que lhe falta o controle sobre o corpo, as suas ordens estavam sendo contrariadas pela doença que havia começado a lhe dominar.

Nesta ocasião é irônico pensar como alguém que prezava pela manipulação dos indivíduos, encontra-se na impossibilidade de mexer seus membros. Lenz, que antigamente exercia a profissão de médico, negligenciou o cuidado do seu corpo, ele que antes intervia na vida de pacientes, mapeando os traços da doença para trazer a cura, chega a desconhecer os sintomas de um câncer cerebral, que a muito tempo estava a espalhar-se, ganhando território. A procura pelo poder fez com que Lenz esquecesse o seu lado vulnerável, por isso o personagem recebe com indiferença o seu diagnóstico, como podemos ler no fragmento:

— Já vi vezes sem conta imagens destas — disse irritado, Lenz Buchmann, enquanto segurava nas mãos as radiografias da cabeça. — Senhor Buchmann, sim... — disse o médico — mas agora é na sua cabeça. — Isto não me assusta! — disse Buchmann. — Nós não podemos fazer nada. A única coisa [...] Puxou então de novo para si a radiografia e observou-a com atenção. Era inequívoco: os pontos negros estavam por todo o lado. A sua cabeça já não era totalmente sua. Fora invadida, por dentro, cobardemente. (TAVARES, 2008, p. 250)

Lenz tinha visto diversas vezes imagens semelhantes àquela de sua radiografia, já havia feito intervenções médicas em pessoas para conter o avanço daquele inimigo, ele reunia experiência na qualidade de neurocirurgião, entretanto, foi incapaz de analisar e escutar o próprio corpo, demonstrando a limitação do seu saber técnico, uma vez que o cérebro para ele simboliza a arma de ataque/defesa, a qual marcava os pontos decisivos para as posições de mundo, era de lá que partia todas as informações e ordens, mesmo assim o personagem não se atentou para os avisos do corpo.

Nota-se que o câncer do protagonista é maligno e o levará a óbito. Porém, antes de analisarmos esse processo de adoecimento, faz-se necessário dizer que esta doença é hereditária, pois seu pai Frederich Buchmann havia tido manchas em



seu cérebro, de igual forma seu irmão mais velho, Albert, que foi diagnosticado pelo próprio Lenz, o qual sempre o desprezou, ainda mais depois da sua morte, visto que para ele Albert morreu de fraqueza e aceitando as limitações da doença, algo inaceitável para um Buchmann.

Depois de algumas semanas de recuperação no hospital, Lenz regressa a casa da família Buchmann acompanhado por dois novos inquilinos, Julia Liegnitz e Gustav. No início da narrativa isso seria inaceitável para o personagem que não permitia demonstrar fragilidade, nem ser dominado por ninguém, mas devido a perda de vigor e força física, a permanência daquela família inimiga marcava um ato de sobrevivência, Lenz compreendia que sua nova posição era de um sujeito doente que precisava de ajuda, foi por este motivo que o protagonista ignorou o avanço da família Liegnitz em sua casa. Lentamente Julia e Gustav foram trazendo os seus pertences, os alocando ao longo do ambiente dos Buchmann, mas para Lenz isso não importava, ele direcionava as suas forças para o avanço da doença em seu corpo, algo que é descrito com sarcasmo, vejamos:

Que acontecera a Lenz Buchmann, ao orgulhoso Lenz Buchmann, para assistir a tudo com placidez admirável? Simplesmente isto: Lenz Buchmann tinha um cancro. Ou com mais exactidão: ele deixaria de ser proprietário, o cancro tinha-o a ele — o poderoso Lenz estava transformado num objeto. De facto não consegue pensar em mais nada, nada era importante; tornara-se rapidamente num vigilante exclusivo: não tirava os olhos do seu próprio corpo, das suas reacções, da sua evolução. (TAVARES, 2008, p. 265)

Nessa cena a entonação escolhida por GMT para expor a decadência do protagonista é diferente das vezes que o apresentou como soberano e detentor de poder, tendo em vista que nesta parte existe um confronto entre o Lenz forte e Lenz fraco. A maneira como o narrador indaga o estado atual do “poderoso Lenz”, que não consegue dominar o próprio corpo, demonstra o esvaziamento de poder ocorrido na sua mudança de posição de mundo, pois o personagem que antes orgulhava-se de confrontar as pessoas, complacente, aceita a dominação da família Liegnitz que ganha força dentro da casa Buchmann, ao contrário dele que entra em declínio.

Destarte, Lenz não era mais possuidor de sua vida, a doença havia o transformado em um objeto, o personagem aqui tem sua visão de mundo modificada: ele “tempos atrás olhava para mais coisas e a partir de mais pontos de vistas, agora olhava e via apenas uma coisa no mundo — o seu próprio corpo”

(TAVARES, 2008, p. 266). Nas outras posições de mundo o personagem central buscava um poder capaz de manipular e dominar o maior número de pessoas, mas Lenz não é mais o dominador, pelo contrário, a doença é quem determina os seus movimentos, e por isso ele passa a dedicar-se unicamente a analisar sua doença, ainda tentava montar uma estratégia de combate contra o inimigo que era o câncer que vinha dominando seu corpo.

Ainda com as debilitações da doença, Lenz procura esboçar em suas ações algum poder, como na cena que ele manda Gustav pegar uma placa de bronze que continha o brasão e os nomes dos integrantes da família Buchmann, em seguida ele ordena que Gustav retire o nome de Albert Buchmann. Lenz ficou a “observar aquele trabalho manual minucioso de raspar com uma pequena lima cada letra do nome do irmão. Gustav começou por apagar o A, depois o L.” (TAVARES, 2008, p. 270, *grifos do autor*). Nota-se que o apagamento de Albert é uma tentativa de Lenz purificar a história da família Buchmann, para ele seu irmão teve uma vida fraca que manchava o legado de Frederich, por esse motivo o personagem sente tanto prazer ao ver cada letra fora da placa, como se estivesse arrancando a impureza do metal e, desde aquele momento, Albert nunca tivesse chegado a nascer.

Desse modo, Lenz passa a sentir orgulho de ver a placa da família exposta, limpa de qualquer sujeira, porém a sua atenção logo é retirada daquele objeto. Devido a piora do estado de saúde o personagem sentia-se incomodado pelo mais simples barulho e nos últimos dias essa sensibilidade levava-o a questionar-se constantemente com Julia sobre os ruídos provocados pelos funcionários do carro do lixo, vejamos abaixo:

Não havia qualquer camionete nova ou rapidamente envelhecida que por qualquer razão fizesse mais ruído; os procedimentos dos homens que recolhiam o lixo eram exatamente iguais, e a hora — uma da manhã — mantinha-se há muitos anos a mesma. Não havia pois qualquer alteração exterior. O que mudara, sim, e drasticamente, tinha sido o corpo de Lenz. Lenz que sempre vivera ali nunca dera sequer pela existência desse trabalho, desse acontecimento nocturno, digamos assim a recolha do lixo. (TAVARES, 2008, p. 277)

O incômodo de Lenz não parte propriamente do barulho, mas sim de quem o faz, o carro do lixo sempre passou naquele mesmo horário, porém antes do descobrimento do câncer ele não atentava, pois o corpo estava saudável e funcionando corretamente diferente desse instante que passa apresentar limitações.

Assim, o que preocupa Lenz é a ideia dele estar virando um lixo, o pensamento de ser descartado, da mesma forma que aqueles sacos, o atormentava.

O personagem tem essa percepção por estar inserido na Era da Técnica, a qual, já explicada anteriormente, preza pela performance correta dos indivíduos, em que as falhas são inaceitáveis. Dessa maneira, a passagem do carro de lixo servia como um prenúncio para Lenz, uma vez que sua nova posição de mundo apontava seu recolhimento como o lixo, algo jamais pensado pelo protagonista que diariamente sofre com cada parada da caminhonete nas casas, imaginando a sua possível retirada em uma daquelas noites, quem sabe os empregados não entrariam no quarto e levaria o indesejado Lenz Buchmann?

No decorrer da narrativa o estado de saúde do protagonista agravou-se, o seu corpo não conseguia levantar da cama, as suas mãos tinham perdido os gestos hábeis dos tempos de cirurgia. O poderoso Lenz Buchmann estava como um moribundo à espera da morte, a única coisa que lhe restava a fazer era seguir a última ordem deixada pelo pai: “*Não é de homem forte deixar-se morrer pela actividade de algumas células.*” (TAVARES, 2008, p. 111, *grifos do autor*). Segundo Frederich, um Buchmann jamais poderia morrer por uma doença, somente pelo “chumbo” seria uma morte digna. Ou seja, era no combate que deveria morrer, mesmo que para isso fosse preciso tirar a própria vida, como ele fez dois dias depois de completar cinquenta e oito anos, ao observar o seu declínio físico.

O suicídio de Frederich Buchmann marca a tentativa de tornar-se soberano, conforme nos declara Karl Binding *apud* Giorgio Agamben, no texto *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* (2007, p. 143): “O suicídio é uma expressão de uma soberania do homem vivente sobre a própria existência”. Diante disso, o patriarca deseja morrer de forma soberana, escolhendo ter o direito de libertar o seu corpo do domínio da doença, chegando a óbito por uma ação pessoal. Essa ação vai ser desejada por Lenz no final da narrativa, na parte intitulada “Morte”, em que o protagonista, depois de um exame feito pelo médico Dr. Selig, confessa a Julia essa vontade e lhe pede ajuda para realizar o seu suicídio:

Buchmann pediu a Julia que o ajudasse a morrer. Não era — ele percebera em definitivo no exame a que fora sujeito — capaz de pegar numa arma, já não tinha forças para isso. A única coisa que pedia é que ela lhe segurasse a arma, ele mesmo iria premir o gatilho. Era a sua responsabilidade — não lhe queria passar, a ela, esse último peso. (TAVARES, 2008, p. 335)

A personagem Julia Liegnitz, ao longo do adoecimento de Lenz, ganha uma nova posição de mundo, ela que antes era vista como uma inimiga, passa a ser a auxiliadora do protagonista no momento de seu adoecimento e suicídio. É interessante destacar que o personagem não ordena, ele pede ajuda, algo que até o narrador onisciente enfatiza, chegando a questionar o que acontecera para Lenz vir a essa situação humilhante, pois isso jamais foi visto, ele, que antes tinha “feito” aquela mulher, agora seria morto por ela.

Essa mudança de Lenz remete a uma fala de Nadja Hermann, no texto *A questão do outro e o diálogo* (2014, p. 480), a qual destaca que “como seres possuidores da linguagem somos suscetíveis a novas compreensões do outro e de nós mesmos”. Depois do convívio com a família Liegnitz e o avanço do câncer em seu cérebro, Lenz passa a ter modificações em sua linguagem política, enxergando de forma diferente a vida, percebendo a fragilidade do indivíduo e a necessidade de ter pessoas por perto para além dos familiares.

O narrador nos diz que semanas antes de Lenz pedir ajuda a Julia, ele tinha feito um testamento que a colocava como única herdeira da família Buchmann. É notório ressaltar que o protagonista não cultivou qualquer laço ou sentimento de fraternidade por sua secretária, na verdade o que acontece é uma alteração na sua visão política e de mundo, uma vez que Lenz anteriormente tinha um olhar voltado para a inimizade nas relações pessoais, em que todos a sua volta eram considerados inimigos, mas desde a descoberta da doença e a vinda dos irmãos Liegnitz para a casa dos Buchmann, o personagem passa a ter em suas vivências uma predominância da política da amizade, que nas concepções de Francisco Ortega, no ensaio denominado *Por uma ética e uma política da amizade* (2020), esse novo olhar permite repensar as relações cotidianas, porquanto:

Trata-se de elaborar uma política da imaginação que aponte para a criação de novas imagens e metáforas para o pensamento, a política e os sentimentos, e que renuncie a prescrever uma imagem dominante, pois isso significaria, no fundo, simplesmente substituímos um imaginário, que se tornou obsoleto, por outro. (ORTEGA, 2020, p. 15)

Compreende-se que a possibilidade de Lenz imaginar e criar novos pensamentos que não estejam ligados a uma imagem dominante da vida, advém do convívio com Julia e Gustav. Pois, a partir dessa relação existe uma limitação da supervalorização da família Buchmann, permitindo uma abertura maior para o

protagonista se reconhecer enquanto pessoa frágil e semelhante aos outros personagens, ao ponto dele omitir traços de sua personalidade autoritária para pedir ajuda, existindo assim uma mudança em seu antigo modo de vida imperial, em que a ideologia da família Buchmann por um momento é retida para que aconteça a última ordem de Frederich.

No entanto, Lenz não substitui os ideais dos Buchmann pelos dos irmãos Liegnitz, ele passa a ter essas duas experiências coexistindo dentro de si, sem que exista um apego emocional de apropriar-se do outro para corresponder às suas expectativas. Isso é notável quando ele escuta com calma Julia falar da impossibilidade de ajudá-lo, e, ao apresentar Gustav como substituto para aquela ação, o personagem, que antes não aceitava a desobediência, concorda com ela que prepara tudo. Para o protagonista seria a última tentativa de estar no centro das decisões.

Nessa direção, como um suporte, Gustav posiciona-se junto a cama do personagem, segurando o revólver, coloca a antiga e poderosa mão direita de Lenz Buchmann no gatilho, mas devido ao agravamento da doença o personagem estava sem força para apertar, ele ainda pede a Gustav para puxar, porém o filho do soldado morto por Frederich não consegue e sai de maneira apressada do quarto, sentindo desprezo e nojo pelo corpo de Lenz. A tentativa de suicídio é frustrada, lhe restando apenas a morte lenta pelo câncer, a qual é vista como a libertação do personagem:

Pousadas sobre o colchão as mãos transmitiam-lhe leveza — estava liberto do fardo de ter de agarrar em coisas e os seus dedos, cada um deles, pareciam sentir essa liberdade e, com serenidade completa, esperavam. O resto do corpo não existia. Pelo menos, não o sentia. Desaparecera. (TAVARES, 2008, p. 356)

A exposição do estágio final do câncer cerebral de Lenz Buchamnn propõe uma reflexão: o adoecimento do corpo marca o início da cura da personalidade nazifascista do protagonista. Através da doença ele passa por um processo de conhecimento de si e do outro, uma vez que a narração vai nos apontando a retirada de um fardo na vida dele, o qual simboliza a tradição dos Buchmann com a ideia de conquistar e dominar os outros indivíduos. Paradoxalmente, a doença promove leveza às mãos de Lenz.

Com essa cena o narrador nos apresenta os derradeiros dias de Lenz e seu processo de cura, em que ele fica apenas refletindo sobre as sensações de seu corpo, de certa maneira, essa cena interliga-se com a frase de Hannah Arendt *apud* Ortega (2020): “O máximo que se pode fazer é refletir, mas não agir ou transformar alguma coisa”. Este enunciado descreve a situação de Lenz, ele que antes buscou transformar as pessoas em objetos que lhe poderiam servir, agora apenas esforça-se para observar seu corpo que ganha leveza a cada impossibilidade de exercer os ensinamentos de seu pai.

Dessa maneira, no momento da sua morte, ele passa por um processo de esvaziamento de si, ele percebe que está se reduzindo a nada, sua busca pelo poder e força tinha lhe conduzido a uma cama solitária. De certo modo, esse percurso dialoga ao pensamento de Martin Heidegger *apud* Byung-Chul Han, no livro *Morte e alteridade* (2020, p. 109), sobre a solidão é o traço essencial da “verdade”. Assim, os derradeiros momentos de Lenz na narrativa é a “verdade” sobre o mundo que surge no período da morte eminente, pois o protagonista, na sua solidão, reflete sobre o seu fechamento em relação aos outros, ao ponto de entender que os mecanismos de ataque e defesa aprendidos do pai não foram suficientes para sua autopreservação. Não poderia transferir a sua morte para outra pessoa, como ele fazia em suas demais ordens.

Ao se deparar com a solidão da morte, Lenz entende a sua finitude enquanto indivíduo, ele que antes buscava se apropriar do outro e “fazer alguém”, percebe que sua existência está a ser feita pela doença, demonstrando sua fragilidade e impotência. Ao pensarmos como é simbólico o processo da morte do protagonista, Byung-Chul Han (2020, p. 137) explica que a morte marca a transformação do indivíduo “de tal modo que o ser torna mais leve de posse-de-si ou de vontade”. Nessa direção à leveza, surge um abrandamento da ideia de hierarquização dos Buchmann. Pois a partir disso, o personagem não cultiva a inimizade, interagindo com aquilo que era diferente e rejeitado pelo seu modo de viver anterior. O protagonista tem sua percepção e vida transformada por uma política da amizade que lhe faz entender a necessidade de viver junto, compreendendo que nada se faz sozinho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisarmos a construção da família de Lenz Buchmann em ARNET, constatamos que o projeto patriarcal de Frederich representa uma alegoria feita por GMT aos estados totalitaristas do passado, e, de certa maneira, do presente, pois através das práticas pedagógicas do patriarca repensamos os incentivos do sistema capitalista/colonialista na formação de personalidades autoritárias, Lenz desempenha em suas posições de mundo um modo de vida imperial, emblema do nazifascismo, mas também do neoliberalismo, o qual sofreu influência direta dos ensinamentos de Frederich sobre o que seria um “verdadeiro Buchmann”, afinal o personagem teve sua infância e adolescência moldadas pelos ideais de superioridade étnica e social.

Compreendendo os alicerces familiaristas e educacionais de Lenz, partimos para a análise das suas posições de mundo na narrativa, em que atentamos para a ascensão médica do protagonista como um famoso cirurgião no domínio do saber técnico, e conseqüentemente, investigamos a sua busca por poder no mundo da política, até o seu declínio enquanto doente. Nesse percurso, notamos que a ganância de Lenz passa a ser uma ironia feita por GMT para demonstrar a mesquinhez e fragilidade da humanidade, uma vez que o personagem almejou a autoridade de comandar uma cidade, mas devido a sua prepotência no momento de negligenciar algumas dores de cabeça, ele é surpreendido com a descoberta de um câncer cerebral que o impossibilita de exercer o cargo político, demonstrando assim, que nem um poder absoluto é capaz de impedir o declínio físico de um homem.

Dessa maneira, estudamos as reações de Lenz frente as fraquezas de seu corpo, as quais eram inaceitáveis diante da tradição familiar dos Buchmann. A partir disso, analisamos as sutilezas propostas por GMT com o adoecimento do protagonista, em que primeiramente o escritor rompe com a ideia de independência do personagem, que passará a ficar sob os cuidados dos seus supostos inimigos Julia e Gustav Liegnitz, os quais mais tarde tentarão ajudar no desejo de suicídio de Lenz. Assim, percebemos que o estado de saúde do protagonista confrontou o seu pensamento sobre a sua política da inimizade, pois ele chega a notar as falhas nos mecanismos de ataque e defesa empreendidos ao longo de suas vivências como formas de assegurar a vida.

Após as análises, confirmamos a nossa hipótese de leitura, a qual explica que a transformação de perspectiva de Lenz sobre a vida e mundo surge do encontro com a morte e com o outro, pois através do processo da doença o personagem inicia uma cura paradoxal de sua mentalidade nazifascista, permitindo assim, uma abertura maior no momento de relacionar-se com Julia. Como já destacamos, isso influencia no aparecimento de uma política da amizade nas experiências de Lenz, a qual determinou uma nova linguagem para o mundo do personagem. Além disso, observamos uma mudança nas estruturas de poder presentes na mentalidade de Lenz, em que a hierarquia da família Buchmann foi resignificada ao ponto de criar uma ruptura no pensamento dominante do que seria um “verdadeiro Buchmann”. Ele renuncia sua posição de soberano para criar um olhar horizontal para Julia e Gustav.

Destarte, Lenz altera sua posição de mundo a partir da política da amizade, em que ele entende a falha do pensamento do individualismo e da autossuficiência, pois ao se aproximar da sua finitude, ele compreende a necessidade de ter pessoas por perto. Na solidão da morte, Lenz passa por um processo de autoconhecimento, em que seu mundo ganha novos contornos de acordo com a impossibilidade de seus movimentos que por não serem realizados, causa leveza no momento de entender que é chegado o fim das suas dores.

Ao final dessa pesquisa ressaltamos que não tivemos a pretensão de enclausurar o sentido central desse romance, pelo contrário, desejamos que a partir deste estudo novas formas de saber e futuras investigações possam ser desenvolvidas diante das posições de mundo do personagem Lenz Buchmann, pois compreendemos que existem pontos que não foram abordados nesta monografia devido a impossibilidade de abarcar todos os temas da narrativa em único texto, como por exemplo, pensar sobre o entrelaçamento da voz do narrador em terceira pessoa com as posições de mundo de Lenz, haja visto que GMT demonstra essa possibilidade nas escolhas composicionais.

Dessa maneira, reforçamos que a metodologia aplicada nesse estudo permitiu um olhar transversal da obra, em que evidenciamos através da escolha de excertos as mudanças do personagem Lenz Buchmann, as quais aconteceram mediante a alterações de perspectivas políticas sobre a vida e o outro, destacamos também que nosso aporte teórico foi fundamental para pensarmos nos temas centrais da análise: poder soberano, biopolítica, política da amizade e inimizade. Porquanto essa investigação propôs trazer novas formas de conhecimento sobre os



estudos da literatura portuguesa contemporânea do escritor GMT, pois quando iniciamos essa pesquisa notamos uma necessidade de ampliar as interpretações sobre o romance ARNET, visto que existe poucos estudos envolta do personagem Lenz.

Diante disso, ao traçar as vivências de Lenz Buchmann, concluímos que GMT articula uma crítica envolta da crescente desumanização na contemporaneidade. O personagem tem suas posições de mundo entrelaçadas a ideais tecnicistas que lhe direcionam a uma política da inimizade, a qual corta os possíveis laços afetivos entre as pessoas, que na verdade são tidas como inimigas. Nesse cenário de disputa pela conquista do outro, GMT propõe uma reflexão sobre as limitações presentes no momento de conviver com a diferença, pois o personagem ao longo de sua existência tentou moldar as pessoas segundo suas vontades e seu modo de vida, sendo isso algo confrontado pela solidão da doença e espera da morte, uma vez que Lenz entende a necessidade de aceitar alguém por perto mesmo que diferente, para demonstrar carinho, afeto e atenção. Portanto, GMT demonstrou uma perspectiva mais aberta sobre a vida e o outro, como a política da amizade possibilita o início da cura do nazifascismo nas sociedades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BERGEZ, Daniel. *A crítica temática*. In: BERGEZ, Daniel [et. al.]. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 97-119.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 274-287.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Modo de vida imperial: sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global**. Tradução de Marcela Couto. São Paulo: Elefante, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Morte e alteridade**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2020.

HERMANN, Nadja. *A questão do outro e o diálogo*. In: **Revista brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, p. 477-493, abril-junho, 2014.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

NALLI, Marcos. *Communitas/Immunitas: a releitura de Roberto Esposito da biopolítica*. In: **Revista de filosofia aurora**. Curitiba, v. 25, n. 37, p. 79-105, julho-dezembro, 2013.

ORTEGA, Francisco. **Por uma ética e uma política da amizade**. Caderno de Leituras. n. 109. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno109/> Acesso em: 8 de set. de 2020.

TAVARES, Gonçalo M. **Aprender a rezar na era da técnica: posição no mundo de Lenz Buchmann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.